

Boletim Agro

Maio/2026

bb.com.br/analises

Documento produzido com dados publicados até 30/04/26

Sumário

Olhar do economista

Cenário do agro segue robusto, com produção elevada e crescimento moderado, enquanto riscos climáticos e custos mais altos passam a condicionar as perspectivas à frente.

Panorama do clima

Apesar de heterogêneas, condições climáticas favorecem culturas de inverno, enquanto o risco de El Niño eleva incertezas para a próxima safra.

Cenário global e fertilizantes

Alta nos custos de fertilizantes e acomodação das commodities alimentares, o cenário indica compressão das margens do produtor e maior cautela na demanda por insumos.

Soja

Projeções de IBGE e Conab indicam safra recorde de soja em 2026, apoiada por ganhos de produtividade e demanda firme, apesar de leve ajuste recente nos preços.

Milho

Impactados pela queda de produtividade do milho na segunda safra, o IBGE projeta retração de 2,4%, enquanto a Conab estima uma redução mais moderada, de 1,1%.

Arroz

Em um contexto de estoques elevados e preços pouco atrativos, IBGE e Conab projetam retração na produção do cereal.

Algodão

Após forte crescimento, IBGE e Conab esperam retração significativa na produção da fibra este ano.

Café

Após um ano com preços recordes, a projeção do IBGE indica um avanço de 13,1%, na produção de 2026 enquanto Conab, mais otimista, projeta expansão de 17,1%.

Cana-de-açúcar

Divergências entre IBGE e Conab permanecem, enquanto o instituto espera um ano positivo, a companhia espera mais um ano de retração.

Trigo

Estimativas de IBGE e Conab indicam retração da safra de trigo em 2026, com queda mais acentuada apontada pela Conab diante de redução de área e riscos climáticos

Bovinos

Conab projeta um recuo de 5,3% na produção de carne bovina em 2026, acompanhado de retração nas exportações

Avicultura

A estimativa da Conab para 2026 aponta para uma produção de 16,2 milhões de toneladas, crescimento de 2,4%.

Suinocultura

Com aumento consistente na produção nos últimos anos, Conab projeta para 2025/26 crescimento de 4,1% na produção de carne.

Projeções

Convergência entre IBGE e Conab reforça a expectativa de alta de 1,0% do PIB agropecuário em 2026, enquanto o cenário de riscos sustenta a expectativa de retração moderada de 0,5% em 2027

Queremos ouvir você

Sua opinião é essencial para aprimorarmos nossas análises!

Participe e ajude a construir análises cada vez mais relevantes.

Após sua leitura, aponte o seu celular para o QR Code abaixo ou clique no link para compartilhar suas impressões e sugestões.

Boletim Agro: Pesquisa de Satisfação – Preencher o formulário

Olhar do economista

As divulgações mais recentes confirmam, de forma clara, o cenário que vínhamos antecipando nos relatórios anteriores. A produção brasileira de grãos, cereais e oleaginosas segue operando em patamar historicamente elevado, com os números oficiais convergindo para a leitura de uma nova safra recorde. Esse movimento valida a confiança que sustentamos ao longo do período recente nos fundamentos do setor e na capacidade do agro brasileiro de entregar volume mesmo em um ambiente mais desafiador do ponto de vista climático e de custos.

Ainda que partam de metodologias distintas, IBGE e Conab sinalizam uma dinâmica bastante semelhante: após o forte avanço observado no último ciclo, a produção nacional tende a apresentar variação moderada, compatível com a elevada base de comparação deixada pela safra recorde anterior. O desempenho segue sustentado, sobretudo, pela soja — que mantém trajetória de expansão, alcançando um novo recorde neste ano — e pelo café, que apresenta perspectivas positivas. Em sentido oposto, culturas como milho, arroz, trigo, sorgo e algodão exibem ajustes mais pronunciados, influenciadas tanto por fatores climáticos quanto pelo próprio efeito base.

Na pecuária, mantemos a leitura de que o ciclo bovino caminha para uma fase de retração em 2025, com recuo na produção de carne bovina. Esse ajuste, contudo, deve cumprir um papel importante à frente: ao deteriorar a base de comparação, cria condições mais favoráveis para um desempenho positivo do segmento em 2027. Além disso, o crescimento contínuo de suínos e aves — apoiado pelo bom ritmo das exportações e pela demanda interna resiliente — contribui para amortecer os efeitos do ajuste bovino sobre o agregado da pecuária.

Olhando para um horizonte temporal mais amplo, duas forças devem influenciar o desempenho do agro brasileiro, ainda que com magnitudes distintas. De um lado, o acordo Mercosul–União Europeia amplia o conjunto de oportunidades para o setor, fortalecendo a competitividade no médio e longo prazo ao ampliar o acesso a mercados de maior valor agregado e estimular investimentos alinhados a padrões internacionais de sustentabilidade e rastreabilidade. De outro, a elevada probabilidade de um episódio de El Niño de forte intensidade entre o fim deste ano e o início do próximo impõe riscos relevantes à produtividade, especialmente em culturas como milho, soja, café, arroz, algodão e lavouras de inverno. Soma-se a esse quadro um ambiente geopolítico ainda marcado por elevada incerteza. O conflito no Oriente Médio permanece em um ponto de instabilidade, mantendo sensível a precificação de ativos financeiros e de *commodities*. Para o Brasil, os impactos se materializam tanto pelo canal dos custos de energia quanto pelo encarecimento dos fertilizantes — insumo do qual o país segue fortemente dependente do mercado externo.

Diante desse conjunto de informações, a crescente aproximação entre as projeções do IBGE e da Conab reforça nossa expectativa de crescimento de 1,0% do PIB agropecuário em 2026. Para 2027, revisamos o cenário para contemplar uma retração marginal de 0,5%, refletindo de forma prudencial o cenário climático que se desenha e os impactos decorrentes da recente elevação dos preços dos fertilizantes. Trata-se, contudo, de uma revisão cautelosa. Uma eventual melhora no ambiente internacional, especialmente no que se refere à normalização logística e aos mercados de fertilizantes, bem como a incorporação de novas informações ao longo dos próximos trimestres, pode abrir espaço para revisões adicionais. A experiência recente segue reforçando que o agro brasileiro possui elevada capacidade de adaptação e resposta, característica que, recorrentemente, o recoloca como vetor relevante do crescimento econômico do país.

Marcelo Rebelo
Economista Chefe
Assessoramento Econômico



Panorama climático



Panorama climático

As condições climáticas recentes apontam para um quadro heterogêneo, porém majoritariamente favorável às culturas de inverno. Na Região Norte, a previsão de armazenamento de água entre abril e junho indica elevados níveis de umidade no solo, o que deve favorecer o desenvolvimento das lavouras. No entanto, no mês de junho há uma previsão de redução dos estoques hídricos no Sul de Rondônia, no Sul do Pará e no Centro-Sul do Tocantins.

No Nordeste, o déficit hídrico presente em maio deve ser ampliado no mês de junho. As áreas mais críticas são Sul do Maranhão, Sul do Piauí e Oeste da Bahia. Esse cenário pode comprometer a segunda safra do milho e a manutenção das pastagens.

No Sudeste, a partir de maio há queda significativa da umidade do solo, com intensificação em junho. Esse cenário pode afetar o milho segunda safra e reduzir o crescimento das pastagens, especialmente devido às temperaturas elevadas e maior evapotranspiração.

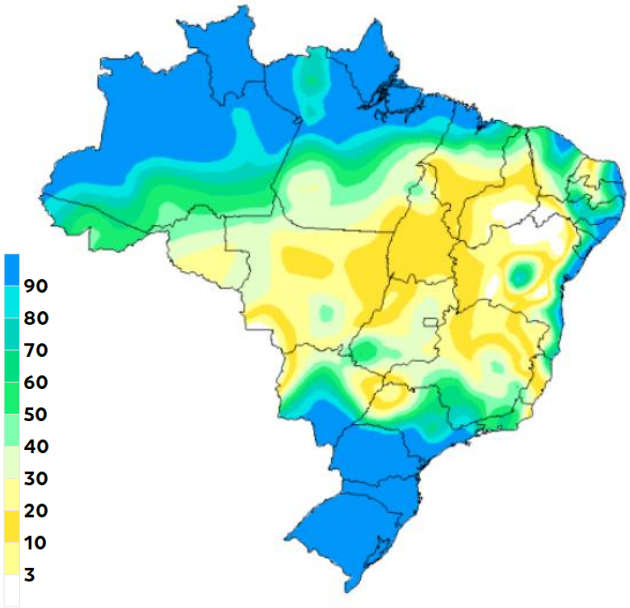
No Centro-Oeste, a partir de maio há redução gradual da umidade, com ampliação de áreas em déficit hídrico, cenário que se intensifica em junho, sobretudo no Mato Grosso, centro-norte de Goiás e norte do Mato Grosso do Sul. Essa condição pode prejudicar o milho segunda safra e reduzir o crescimento das pastagens.

Na Região Sul, entre maio e junho predominam altos níveis de umidade e excedentes hídricos generalizados, favorecendo as lavouras e reduzindo os problemas de déficit observados em abril.

Em relação ao clima, as projeções indicam elevadas das chances de El Niño. Na janela de abril, maio e junho a probabilidade de ocorrência do fenômeno subiu para 70%, enquanto no período subsequente a probabilidade ultrapassa os 80%. Destaca-se que maioria dos modelos preditivos apontam para um El Niño forte, que pode limitar o crescimento da próxima safra.

Armazenamento de água no solo (%)

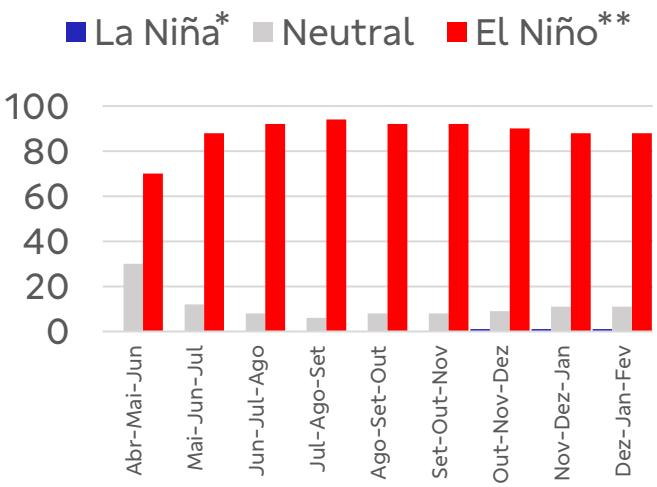
Válido para junho de 2026



Fonte: INMET/**Adaptações:** Banco do Brasil

Modelo probabilístico ENSO

Probabilidade (%)



Fonte: NOAA/**Elaboração:** Banco do Brasil

*O fenômeno é caracterizado pelo resfriamento anormal das águas do oceano Pacífico. No Brasil, está associado à chuva acima da média no Norte e Nordeste, e abaixo da média no Sul, além de provocar frio mais intenso.

**É caracterizado pelo aquecimento anormal e persistente da superfície do Oceano Pacífico. No Brasil está associado a volumes abaixo da médio em grande parte das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudestes.

Panorama climático

De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), a previsão para os meses de abril, maio e junho indica volumes de chuva próximos ou acima da média histórica em grande parte da região Norte, que também deve registrar temperaturas levemente acima da média na maioria dos estados, com aumento um pouco mais intenso no sudeste do Pará e Noroeste do Tocantins.

Na região Nordeste, são previstos volumes de chuva acima da média na maioria dos estados. As temperaturas também deverão permanecer acima da média histórica, notadamente em algumas porções do MATOPIBA e nas regiões litorâneas.

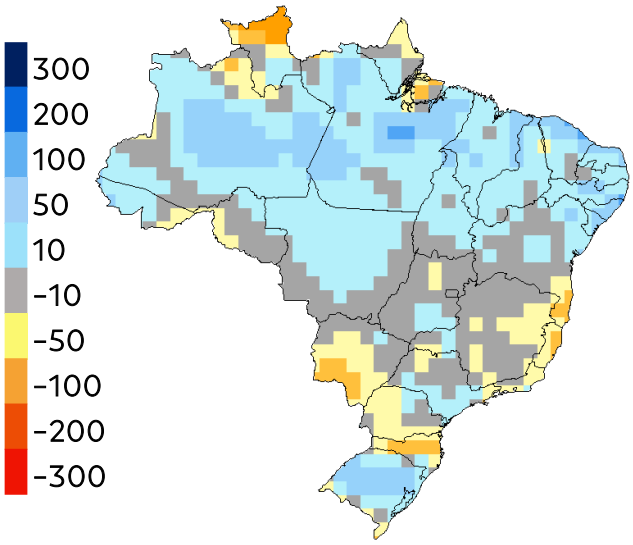
Para o Centro-Oeste, a expectativa é de chuvas em níveis próximos ou acima da média na parte norte de Mato Grosso enquanto o sul do estado deve registrar chuvas abaixo da média. Em Goiás e Mato Grosso do Sul, a expectativa é de precipitações abaixo da média histórica, com possibilidade de déficits superiores a 100 mm neste último estado.

No Sudeste, a maioria dos estados tende a registrar volumes de chuva dentro ou abaixo da média, com exceção do sudeste de São Paulo, onde as chuvas tendem a ser levemente mais abundantes. As temperaturas devem permanecer acima da média histórica em toda a região, com destaque para São Paulo e Minas Gerais.

Já na região Sul, a previsão climática indica volumes de chuva acima da média histórica em até 50mm na maior parte do Rio Grande do Sul. No Paraná e Santa Catarina, a expectativa é de um regime de chuvas abaixo da média histórica para o período, com escassez de maior intensidade no segundo. A temperatura da região deve permanecer abaixo da média histórica no Rio Grande do Sul, estável em Santa Catarina e acima da média no Norte do Paraná.

Previsão de anomalias de precipitação (mm)

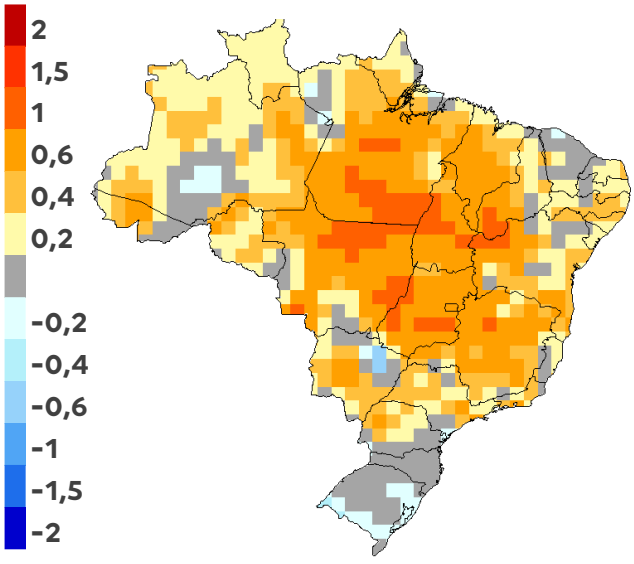
Válido para maio, junho e julho de 2026



Fonte: INMET/**Adaptações**: Banco do Brasil

Previsão de anomalias de temperatura (°C)

Válido para maio, junho e julho de 2026



Fonte: INMET/**Adaptações:** Banco do Brasil

Cenário global e fertilizantes



Cenário global

O relatório mais recente do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgado em abril, indica variações relevantes na produção mundial de grãos para a safra 2025/26, incorporando revisões marginais em relação ao mês anterior.

Para o **milho**, a produção brasileira é estimada em 132 milhões de toneladas, o que representa retração de 2,9% frente à safra passada. Na China, a expectativa é de avanço de 2,1%, ao passo que a União Europeia deve registrar queda de 4,7%. Em sentido oposto, Estados Unidos e Argentina projetam elevações expressivas na produção, de 14,3% e 4,0%, respectivamente. No contexto global, a colheita de milho deve totalizar cerca de 1,3 bilhão de toneladas, indicando crescimento de 5,7%.

Em relação à **soja**, o relatório trouxe revisão positiva para a produção brasileira, que deve manter a liderança global, com estimativa de 180 milhões de toneladas, crescimento de 4,3% frente à safra passada. Em sentido contrário, a produção tende a recuar nos Estados Unidos (-2,6%) e na Argentina (-6,1%), enquanto a China projeta avanço de 1,2%. No cenário global, a colheita de soja deve apresentar leve retração de 0,2%, refletindo ajustes no mercado internacional e os impactos das condições climáticas nas principais regiões produtoras.

Para o **trigo**, a produção brasileira é estimada em 7,9 milhões de toneladas, com leve revisão negativa de 0,2%. A China deve manter estabilidade, enquanto União Europeia e Índia projetam aumentos de 19,9% e 4,1%, respectivamente. No cenário global, a produção deve alcançar 844,2 milhões de toneladas, com estoques finais equivalentes a 34,7% do total, indicando relativa estabilidade na oferta mundial.

Produção Mundial de milho (2025/26)

País	Estoque final / consumo	Produção (toneladas)	Variação da prod.	Part. prod.
Mundo	22,9%	1.301,1 Mil	5,7%	
Estados Unidos	16,1%	432,3 Mil	14,3%	33,2%
China	56,1%	301,2 Mil	2,1%	23,2%
Brasil	6,5%	132,0 Mil	-2,9%	10,1%
União Europeia	7,9%	56,8 Mil	-4,7%	4,4%
Argentina	30,1%	52,0 Mil	4,0%	4,0%
Ucrânia	44,0%	30,7 Mil	14,6%	2,4%
México	11,9%	25,7 Mil	11,3%	2,0%

Produção Mundial de soja (2025/26)

País	Estoque final / consumo	Produção (toneladas)	Variação da prod.	Part. prod.
Mundo	29,3%	427,4 Mil	-0,2%	
Brasil	57,2%	180,0 Mil	4,3%	42,1%
Estados Unidos	12,9%	116,0 Mil	-2,6%	27,1%
Argentina	47,4%	48,0 Mil	-6,1%	11,2%
China	33,4%	20,9 Mil	1,2%	4,9%
União Europeia	9,4%	2,9 Mil	-2,0%	0,7%
México	9,2%	0,3 Mil	9,7%	0,1%
Japão	5,0%	0,2 Mil	-5,2%	0,1%

Produção Mundial de trigo (2025/26)

País	Estoque final / consumo	Produção (toneladas)	Variação da prod.	Part. prod.
Mundo	34,7%	844,2 Mil	5,6%	
União Europeia	14,0%	145,1 Mil	19,9%	17,2%
China	84,4%	140,1 Mil	-0,0%	16,6%
Índia	20,4%	117,9 Mil	4,1%	14,0%
Rússia	35,9%	90,3 Mil	10,7%	10,7%
Estados Unidos	83,2%	54,0 Mil	0,3%	6,4%
Canadá	59,8%	40,0 Mil	11,2%	4,7%
Brasil	23,6%	7,9 Mil	-0,2%	0,9%

Fonte: USDA / Elaboração: Banco do Brasil

Fertilizantes

O índice CRB Foods avançou 6,1% em março na comparação mensal, revertendo as quedas observadas nos dois meses anteriores. Ainda assim, frente ao mesmo período de 2025, o indicador registra recuo de 3,2%, mantendo-se em patamar inferior aos picos recentes e sinalizando menor pressão altista sobre os preços internacionais dos alimentos.

Já o Índice de Preços de Fertilizantes registrou recuo de 4,8% na passagem de março para abril, após um movimento recente de alta no primeiro trimestre de 2025.

Os preços dos fertilizantes apresentaram comportamentos distintos na passagem de março para abril de 2026, mas com variação expressiva acumulada no ano. A amônia registra forte alta de 53,0% no ano, influenciada pelo encarecimento do gás natural e por restrições de oferta. A ureia, apesar da queda mensal de 5,1%, ainda apresenta elevação expressiva no acumulado de 2026 (41,1%) e mantém preços elevados. Os fosfatados permanecem pressionados, com o DAP (Fosfato Diamônico) avançando 3,2% no mês e acumulando altas de 7,9% no ano, sustentado por limitações de oferta na Ásia e demanda firme em mercados emergentes. Já os potássicos exibem comportamento misto. O MOP (Muriato de Potássio) teve alta mensal significativa de 9,0%, enquanto o sulfato de potássio recuou 2,4%, embora ambos ainda acumulem ganhos no ano.

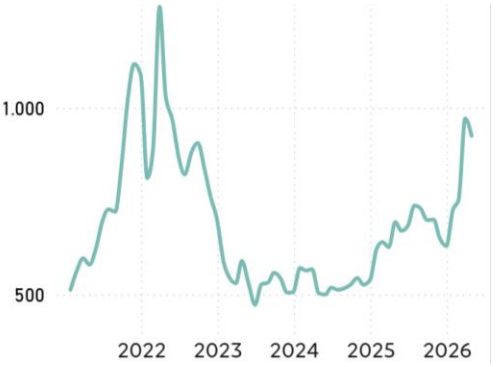
No plano estrutural, o descompasso entre fertilizantes em alta e commodities agrícolas mais acomodadas tende a reduzir as margens do produtor e aumentar a cautela na compra de insumos. Tensões geopolíticas, custos energéticos elevados e restrições comerciais seguem sustentando os preços, mas com o mercado sensível à demanda global, ao clima e à logística internacional.

CRB Foods
Em dólares



Fonte: Bloomberg/**Elaboração:** Banco do Brasil

Índice de Preços de Fertilizantes
Em dólares



Fonte: Bloomberg/**Elaboração:** Banco do Brasil

Fertilizantes
Em dólares por tonelada em 30/04/26

Produtos	valor	Variação mensal	Variação acumulada no ano	Variação interanual
Amônia	775,0	0,0%	53,0%	78,2%
DAP	715,0	3,2%	7,9%	10,4%
MOP	332,5	9,0%	3,3%	4,7%
Sulfato de potássio	707,5	-2,4%	12,4%	8,8%
Uréia	652,5	-5,1%	41,1%	44,7%

Fonte: Bloomberg. Elaboração: Banco do Brasil

Soja



PRODUÇÃO

A estimativa mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para a produção de soja em 2026 confirma a consolidação de um novo recorde, com uma produção estimada em 173,7 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 4,6% em relação à safra anterior, em linha com as projeções da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), que indicam expansão de 4,5% para o período. De acordo com o instituto, esse resultado é impulsionado, principalmente, pelo aumento da produtividade por hectare, que deve avançar 3,6% frente ao ano passado.

Entre as principais Unidades da Federação — aquelas com participação superior a 10% na produção nacional —, apenas Goiás destoa do movimento agregado, com retração estimada em 2,6%. Em contraste, Mato Grosso, que anteriormente apresentava perspectiva de queda na comparação interanual, teve sua trajetória revista, devendo registrar ligeiro avanço de 0,7%. Na região Sul, o cenário também é de expansão, com destaque para o Rio Grande do Sul, que projeta crescimento expressivo de 34,6%, e para o Paraná, com incremento mais moderado de 3,4%.

Na região do MATOPIBA[1], o desempenho agregado sugere relativa heterogeneidade entre os estados. A Bahia deve registrar um avanço mais modesto de 1,2%, enquanto o Tocantins apresenta retração mais pronunciada, estimada em -3,9%. Em sentido oposto, o Piauí desponta com expansão expressiva de 13,8%, ao passo que o Maranhão projeta crescimento mais moderado de 3,6%. Esse arranjo indica que, embora parte das unidades federativas ainda enfrente dificuldades, o dinamismo observado especialmente no Piauí contribui para mitigar parcialmente as perdas regionais.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	173,7 Mi	179,2 Mi
Variação 2026/25	4,6%	4,5%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2026/25	Participação na produção nacional
MT	0,7%	24,5%
RS	34,6%	13,9%
PR	3,4%	13,3%
GO	-2,6%	11,6%
MS	19,1%	7,4%
BA	1,2%	5,5%
MG	-2,1%	5,2%
MA	3,6%	3,2%
TO	-3,9%	2,9%
PI	13,8%	2,8%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

[1]Acrônimo referente às duas primeiras letras dos estados em que faz divisa: Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia.

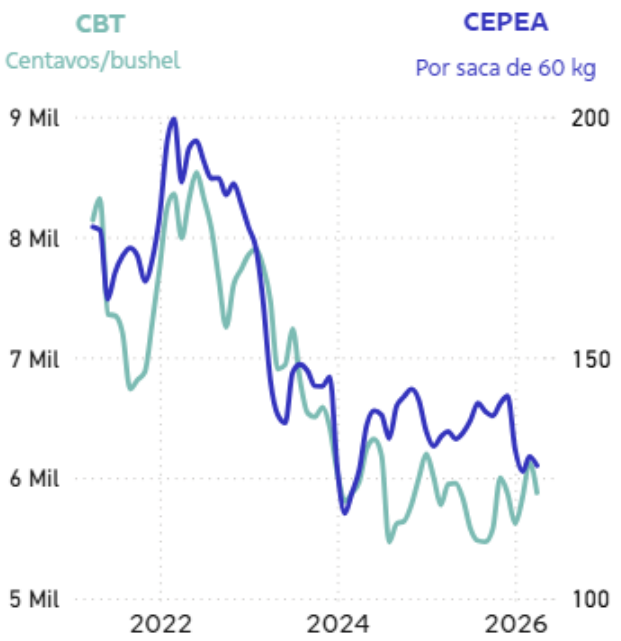
Nesse contexto de avanço na produção interna, a Conab projeta um crescimento de 6,7% nas exportações brasileiras grão, que podem atingir 115,4 milhões de toneladas. Além disso, espera-se um leve aumento na produção do óleo de soja, derivado de uma maior participação na composição do biodiesel, bem como um aumento no volume de soja destinado ao esmagamento.

PREÇO

Apesar da safra recorde, os preços da soja permanecem firmes no Brasil, sustentados pela robustez da demanda, tanto no mercado interno quanto no externo, bem como pela valorização dos derivados. No cenário internacional, o conflito do Oriente Médio e a consequente valorização do petróleo elevaram a atratividade do biodiesel, o que, por sua vez, intensifica a demanda por óleo de soja, principal insumo do biocombustível.

Os indicadores CEPEA/ESALQ Paranaguá e Paraná registraram leves retrações entre março e abril, com recuos de 1,4% e 0,9%, respectivamente, considerando os preços observados ao final de cada mês.

Preços de soja (grão)
Média diária mensal - Paranaguá



Fonte: Cepea-Esalq /**Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVAS PARA O TRIMESTRE

Para o trimestre de maio a julho, o complexo soja entra em uma fase marcada por transição climática, consolidação de oferta abundante no Brasil e deslocamento gradual do foco do mercado para os Estados Unidos. No âmbito doméstico, a safra 2025/26 já se encontra praticamente definida, com produção recorde, sustentada por ganhos de produtividade e recuperação parcial de áreas afetadas no ciclo anterior. Com isso, o risco produtivo interno torna-se residual, concentrando-se principalmente em questões logísticas e de escoamento, influenciadas pelo ritmo de comercialização e pelas condições operacionais no encerramento da colheita em regiões ainda mais tardias.

Do ponto de vista climático, o trimestre é marcado pela predominância de condições de neutralidade do ENSO, com elevada probabilidade de transição para El Niño a partir do final do período, especialmente entre junho e julho. Para a soja, esse cenário tem impacto limitado sobre a safra brasileira recém-colhida, mas ganha relevância na formação de expectativas para a safra 2026/27, sobretudo no Sul do País. Historicamente, a aproximação de eventos de El Niño eleva a percepção de risco de excesso de umidade no Sul e de irregularidade na retomada das chuvas no Centro-Oeste, aumentando a sensibilidade do mercado a sinais climáticos antecipados.

No curto prazo, o clima tende a favorecer o avanço das operações de campo, com redução gradual das chuvas em grande parte do Centro-Oeste, Sudeste e Matopiba, o que contribui para a normalização da logística e para o fluxo de escoamento da safra. Em contrapartida, no Sul, a manutenção de precipitações em patamares mais elevados pode impor restrições pontuais às janelas operacionais, com possíveis reflexos sobre a qualidade dos grãos remanescentes e o ritmo de entrega ao mercado, ainda que sem alterar o quadro geral de ampla disponibilidade.

No mercado internacional, o trimestre será marcado pela transferência do eixo de atenção para o plantio e o desenvolvimento inicial da safra norte-americana. A combinação entre oferta sul-americana abundante, ritmo firme das exportações brasileiras e incertezas climáticas nos Estados Unidos tende a manter a soja em um ambiente de volatilidade moderada, com formação de prêmio de risco climático à medida que o verão do Hemisfério Norte se aproxima. Ainda assim, a perspectiva de elevada produtividade nos EUA, em um contexto de transição climática sem extremos no curto prazo, limita movimentos altistas mais consistentes.

Na dinâmica de mercado, a soja permanece sensível às relações comerciais entre Estados Unidos e China, que têm atuado como importante vetor de volatilidade no mercado internacional. Nesse contexto, ganha relevância o encontro previsto entre os presidentes Donald Trump e Xi Jinping, marcado para 14 de maio, que tende a elevar a incerteza e a volatilidade das cotações ao longo do trimestre. O mercado trabalha com a expectativa de que a China possa sinalizar maior comprometimento com compras de soja norte-americana ou antecipar aquisições, movimento que, mesmo sem alterar o quadro de oferta global abundante no curto prazo, pode gerar reprecificação de prêmios e movimentos mais abruptos nos contratos futuros, especialmente na CBOT. O histórico recente mostra que anúncios e expectativas em torno dessas negociações costumam provocar reações imediatas nos preços, seguidas por ajustes conforme a efetivação ou frustração dos acordos.

Soja

Em síntese, o próximo trimestre se apresenta como um período de baixo risco produtivo para a soja no Brasil, mas de crescente sensibilidade climática e de mercado, à medida que o foco se desloca para a próxima safra e para o comportamento do clima global. O ambiente combina oferta confortável, atenção redobrada às condições climáticas internacionais e maior peso das expectativas relacionadas ao ciclo 2026/27 na formação dos preços.

Em termos de tendência, o cenário para os preços da soja entre maio e julho aponta para um comportamento das cotações oscilando em torno da estabilidade. A ampla oferta global, liderada pela safra recorde brasileira e pela expectativa de bom desempenho produtivo nos Estados Unidos, limita movimentos altistas mais sustentados. Por outro lado, fatores externos, como o ambiente geopolítico, a transição climática associada ao ENSO e, sobretudo, a evolução das negociações comerciais entre Estados Unidos e China, tendem a manter a volatilidade elevada, com movimentos pontuais de alta ou baixa conforme novos sinais sejam incorporados pelo mercado.



FATORES BAIXISTAS

- Oferta disponível elevada na América do Sul (Brasil e Argentina);
- Perspectiva de boa produtividade para a safra 2026/27 dos EUA;
- Oferta tende a continuar elevada globalmente.



PONTOS DE ATENÇÃO

- Relatório de oferta e demanda do USDA, com as primeiras projeções para a safra 2026/27 (12/05);
- Encontro entre os presidentes de EUA e China (14 e 15/05).



FATORES ALTISTAS

- Demanda chinesa;
- Demanda para biodiesel.

Milho



PRODUÇÃO

No que se refere à safra de milho, o IBGE estima que a produção total deve atingir 138,3 milhões de toneladas em 2026, um declínio de 2,4% em relação à safra de 2025.

Para a primeira safra do grão, estima-se uma produção de 29,3 milhões de toneladas, aumento de 13,7% em relação a 2025. Para o milho da segunda safra, a estimativa é de 109,0 milhões de toneladas, queda de 6,0% em relação ao ano anterior. Ainda assim, houve uma revisão relevante em relação à estimativa de março, com acréscimo de 3,6 milhões de toneladas, indicando uma melhora nas expectativas para a safra. Apesar desse ajuste, a segunda safra deve registrar retração em todas as regiões do país em 2026, com destaque para o Sudeste (-15,9%) e o Centro-Oeste (-6,9%), além de quedas mais moderadas no Nordeste (-3,0%), Norte (-2,4%) e Sul (-0,5%).

O levantamento da Conab também sinaliza a tendência de retração, mas em menor intensidade, projetando uma safra de 139,6 milhões de toneladas, com uma redução de 1,1% em relação ao ciclo anterior. No detalhamento por safras, a primeira deve apresentar expansão de 12,2%, enquanto a segunda tende a recuar 3,7%.

No mercado interno, o consumo do milho deve avançar 4,5% frente à safra anterior, impulsionado sobretudo pela produção de etanol, ao passo que as exportações também devem aumentar.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	138,3 Mi	139,6 Mi
Variação 2026/25	-2,4%	-1,1%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2025/24	Participação na produção nacional
MT	-4,7%	33,2%
PR	3,3%	15,4%
GO	-7,4%	11,2%
MS	-15,1%	7,0%
MG	3,3%	6,5%
RS	21,8%	4,7%
SP	-6,4%	4,2%
MA	1,3%	3,1%
BA	2,3%	2,7%
TO	1,2%	2,1%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

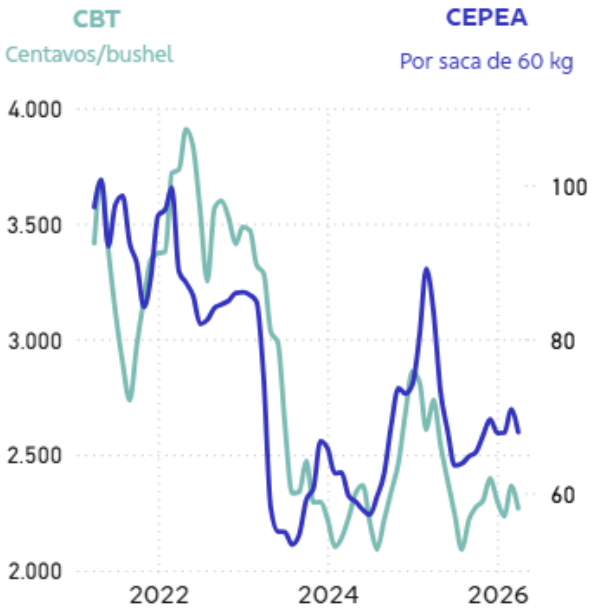
PREÇO

A colheita da safra de verão se aproxima do fim e o plantio da segunda safra já está praticamente concluído. A atenção se volta ao clima quente e seco, que pode afetar o desenvolvimento das lavouras. Embora a produção siga projetada em nível elevado, ainda que ligeiramente inferior à safra anterior, a irregularidade das chuvas e as altas temperaturas mantêm produtores em alerta.

No mercado, as negociações de milho seguiram pontuais, com compradores priorizando estoques já adquiridos e vendedores tentando restringir a oferta diante das incertezas climáticas. Ainda assim, os preços apresentaram variações regionais, com leves altas em São Paulo e quedas no Sul e Centro-Oeste, pressionadas pelo avanço da colheita, pelos elevados estoques e pela boa safra de soja.

Nesse contexto, mesmo com alguma resistência, parte dos produtores acabou aceitando preços mais baixos, diante da necessidade de liberar armazenagem, realizar caixa e escoar a produção em um cenário de maior oferta e demanda enfraquecida, movimento que se refletiu no indicador ESALQ/BM&FBOVESPA, que registrou recuo de 4,2% entre março e abril.

Preços de milho (grão)
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVAS PARA O TRIMESTRE

O trimestre de maio a julho será decisivo para a consolidação do desempenho do milho segunda safra no Brasil, com o clima assumindo papel central na definição do potencial produtivo. Diferentemente da soja, cujo risco produtivo já se encontra praticamente eliminado, o milho entra nesse período com elevada sensibilidade às condições meteorológicas, especialmente no Centro Oeste, Sudeste e em parte do Matopiba, regiões onde a cultura avança para fases críticas do ciclo, como florescimento e enchimento de grãos.

Do ponto de vista das estimativas oficiais, a safra brasileira de milho segue projetada em patamar elevado. Segundo o 7º Levantamento da Safra 2025/26 da Conab, divulgado em abril, a produção nacional permanece em nível elevado, refletindo principalmente o bom desempenho da segunda safra. A Conab destaca que, apesar de ajustes regionais decorrentes de condições climáticas e de decisões de plantio, o cereal mantém papel central na oferta de grãos, sustentado pela expansão de área e por níveis de produtividade ainda elevados em importantes estados produtores do Centro Oeste e do Sul. O milho segunda safra, em especial, segue respondendo pela maior parcela do volume total, reforçando sua importância tanto para o mercado interno quanto para o abastecimento das cadeias de carnes e para a exportação.

Na mesma direção, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola do IBGE, divulgado em abril, estimou a produção nacional de milho em 138,3 milhões de toneladas, com crescimento de 3,0% em relação a fevereiro, embora ainda represente queda de 2,4% frente a 2025. O instituto ressalta movimentos distintos entre as safras, com avanço significativo do milho primeira safra e retração da segunda safra na comparação anual. Ainda assim, o Centro Oeste segue como principal polo produtor, concentrando mais de metade do volume nacional, o que confirma a relevância estrutural da região para o desempenho do cereal no país.

Do ponto de vista climático, o período será marcado pelo avanço da estação seca nas regiões centrais do País, com redução progressiva do suporte hídrico no solo a partir de maio. Os boletins do INMET indicam que, embora ainda haja alguma disponibilidade de umidade no início do trimestre, a tendência é de queda gradual das chuvas e aumento das temperaturas, o que eleva a demanda evaporativa das plantas. Nesse contexto, o risco para o milho não está associado a uma seca generalizada, mas à irregularidade das precipitações, fator que pode gerar estresse hídrico pontual justamente nas fases de maior exigência da cultura, sobretudo em áreas plantadas fora da janela ideal ou em solos com menor capacidade de retenção de água.

No Centro Oeste, principal região produtora da safrinha, o cenário se mostra heterogêneo. Partes do norte de Mato Grosso ainda devem contar com umidade relativamente mais favorável no início do trimestre, enquanto o Mato Grosso do Sul, o sul de Goiás e áreas do Matopiba apresentam maior risco de rápida redução da umidade do solo entre maio e junho. No Sudeste, a tendência de chuvas abaixo da média, combinada com temperaturas acima do normal, reforça a atenção para lavouras que se encontram em estágios reprodutivos. Já no Sul do País, a perspectiva de chuvas mais frequentes ao longo do trimestre tende a melhorar o balanço hídrico das lavouras de milho, reduzindo o risco climático e atuando como contraponto regional à perda de suporte hídrico observada nas áreas centrais.

No cenário internacional, o foco do mercado se desloca gradualmente para os Estados Unidos, onde o plantio da safra 2026/27 avança em ritmo acelerado. As condições climáticas no Meio Oeste norte americano, apesar de apresentarem excesso de umidade em áreas do leste do *Corn Belt* e maior secura no oeste, ainda não configuram risco sistêmico à produção. A expectativa predominante é de uma safra volumosa e de estoques globais confortáveis, o que limita reações mais expressivas dos preços no curto prazo, mesmo diante de episódios de volatilidade pontual associados a fatores climáticos ou geopolíticos.

Do lado da demanda, o milho apresenta fundamentos relativamente mais firmes do que a soja, especialmente no Brasil. O consumo interno segue sustentado pela cadeia de proteína animal e pelo crescimento estrutural do etanol de milho, o que reduz a margem de absorção de eventuais frustrações produtivas na safrinha. As exportações brasileiras permanecem relevantes, ainda que a competitividade ao longo do segundo semestre dependa do comportamento da safra norte americana e da dinâmica logística global.

Em síntese, o trimestre de maio a julho se configura como um período de elevado risco climático pontual para o milho no Brasil, concentrado sobretudo na segunda safra, sem caracterizar, neste momento, um cenário de quebra generalizada de produção. O mercado tende a reagir de forma mais sensível à evolução das condições climáticas nas próximas semanas, com aumento da volatilidade associado a ajustes nas expectativas de produtividade. Nesse contexto, o milho deve permanecer em um ambiente de preços mais dependente de eventos climáticos e regionais do que de mudanças estruturais no balanço global de oferta e demanda.



FATORES BAIXISTAS

- Avanço da colheita de 1ª safra e de desenvolvimento da 2ª safra;
- Nos EUA, avanço do plantio da safra 2026/27.



PONTO DE ATENÇÃO

- Eventuais intercorrências climáticas.



FATORES ALTISTAS

- Estoques finais no Brasil muito baixos;
- Demanda interna aquecida.

Arroz



PRODUÇÃO

Para a cultura do arroz, o IBGE projeta uma produção de 11,3 milhões de toneladas em 2026, o que representa um recuo de 10,4% em relação ao ciclo anterior. Tal desempenho é atribuído às reduções de 10,4% na área plantada.

O Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, deve registrar redução de 9,3% na produção. Assim como Santa Catarina, que tem uma perda esperada 4,7%. Entre os maiores produtores, somente Paraná deve registrar alta.

Segundo a Conab, a produção de arroz deverá atingir 11,1 milhões de toneladas, representando uma redução de 12,9% em relação à safra anterior. Esse resultado reflete, sobretudo, a redução da área plantada, em função da perda de rentabilidade do produto diante da queda acentuada dos preços. Adicionalmente, espera-se uma redução na produtividade, pressionada por fatores climáticos.

Apesar desse cenário de redução na produção interna, a Conab estima um excedente de produção, o qual deverá ser destinado à exportação, que deve alcançar 2,1 milhões de toneladas.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	11,3 Mi	11,1 Mi
Variação 2026/25	-10,4%	-12,9%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2025/24	Participação na produção nacional
RS	-9,3%	66,6%
SC	-4,7%	10,4%
TO	-5,5%	8,0%
MT	-51,7%	3,6%
MA	-18,4%	1,7%
GO	-1,8%	1,5%
PR	11,5%	1,4%
RO	-10,3%	1,2%
PA	-8,5%	1,0%
MG	-30,8%	0,9%

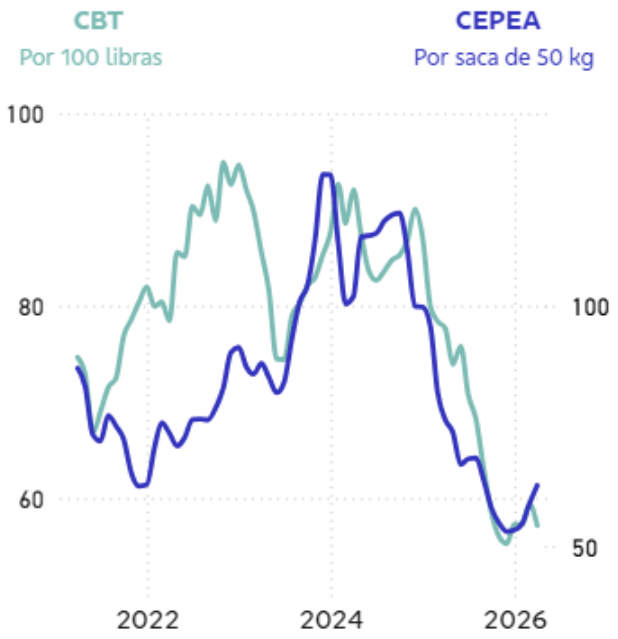
Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

PREÇO

O mercado de arroz em casca segue marcado por baixa liquidez e elevada cautela entre os agentes, refletindo incertezas quanto aos leilões de apoio à comercialização e dificuldades de repasse ao longo da cadeia. Nesse contexto, observa-se divisão tanto entre compradores — alguns recompondo estoques de forma pontual e outros aguardando definições do governo — quanto entre produtores, que alternam entre vendas por necessidade de caixa e retenção diante de preços considerados insatisfatórios.

Apesar das negociações travadas no curto prazo, os preços indicam um movimento gradual de recuperação, com a média de abril atingindo o maior nível desde setembro de 2025. Ainda assim, a consolidação de uma tendência mais firme de alta permanece condicionada à melhora da liquidez, ao escoamento da oferta e à convergência das expectativas entre os agentes. Entre março e abril, o indicador do Cepea registrou alta de 6,5%.

Preços do arroz (grão)
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

Algodão



PRODUÇÃO

De acordo com o IBGE, espera-se uma queda de 11,9% para a produção de algodão em 2026, após três anos consecutivos de recordes na produção. Os dois maiores produtores, Mato Grosso e Bahia, que juntos somam mais de 90% da produção nacional, devem registrar queda na produção, retraindo 14,2% e 13,6%, respectivamente.

Parte desse movimento deriva-se do aumento da oferta das últimas safras, pressionando os preços e desincentivando os produtores a aumentarem a área plantada em 2026.

Segundo a Conab, a produção total de algodão deve ficar em torno de 9,3 milhões de toneladas, uma queda de 5,9% em relação à safra anterior. Adicionalmente, a produção de algodão em pluma deverá atingir 3,8 milhões de toneladas em 2026, volume inferior ao da safra 2024/25. A Companhia destaca que além do momento desafiador da rentabilidade da cultura, questões climáticas desfavoráveis deterioraram a produtividade.

No comércio exterior, projeta-se expansão de 6,6% nas exportações de algodão em pluma em 2026, o que deve levar a um novo recorde, sustentado pela elevada qualidade e competitividade do produto brasileiro, reforçando a posição do país como principal exportador global.

No mercado interno, o consumo é estimado em 730 mil toneladas, com leve avanço em relação ao ano anterior. Nesse contexto, a combinação de menor produção, aumento das exportações e crescimento da demanda doméstica tende a reduzir os estoques finais, projetados em queda de 4,1%.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	8,7 Mi	9,3 Mi
Variação 2026/25	-11,9%	-5,9%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

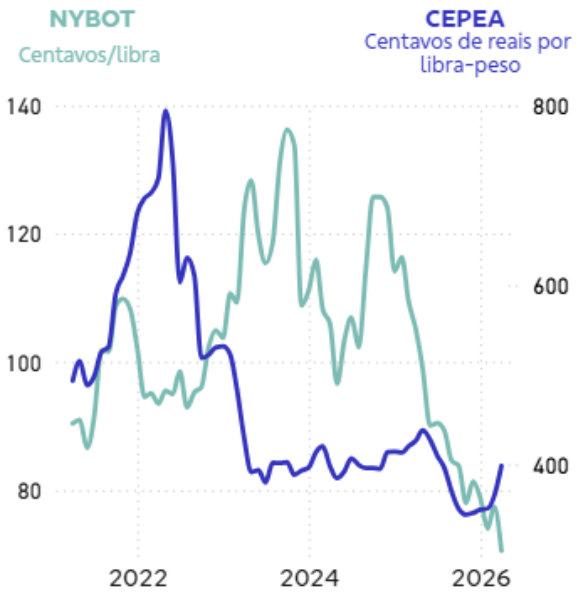
UF	Variação 2025/24	Participação na produção nacional
MT	-14,2%	71,7%
BA	-13,6%	20,6%
MS	3,0%	2,0%
GO	-15,1%	1,9%
MG	2,5%	1,3%
MA	24,3%	0,9%
RO	6,9%	0,7%
SP	11,7%	0,4%
PI	35,5%	0,3%
TO	-4,2%	0,1%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

PREÇO

Os preços do algodão em pluma no Brasil subiram pelo quinto mês seguido em abril, alcançando o maior nível nominal desde agosto de 2025. A alta foi impulsionada principalmente pelas exportações aquecidas, que reduziram os estoques internos, e pela valorização do petróleo. Apesar disso, o mercado doméstico seguiu com baixa liquidez, marcada por cautela dos agentes e negociações pontuais. Entre março e abril, o indicador CEPEA/ESALQ avançou 9,3%, embora ainda esteja 6,5% abaixo do mesmo período do ano anterior.

Preços de algodão Pluma
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

Para o trimestre de maio a julho, o mercado global de algodão deve permanecer bem abastecido, conforme sinalizado pelo relatório internacional de abril de 2026. Ainda que o balanço mundial siga superavitário, o avanço mais firme do consumo e alguns ajustes pontuais de oferta contribuíram para reduzir a folga do mercado. A produção global na safra 2025/26 foi estimada em 121,9 milhões de fardos, enquanto o consumo alcança 119,1 milhões, refletindo uma recuperação mais consistente da demanda, sobretudo em mercados asiáticos.

Nos Estados Unidos, a revisão para baixo da produção, para 13,92 milhões de fardos, atenua parcialmente a pressão do lado da oferta. Ainda assim, os estoques finais elevados e a relação estoque/uso em torno de 32% mantêm um ambiente sem sustentação estrutural para altas mais consistentes de preços. Nesse contexto, a avaliação é de um mercado internacional equilibrado a levemente pressionado no período, com oscilações condicionadas principalmente à evolução das condições climáticas e à confirmação das expectativas de produtividade nas principais regiões produtoras.

No Brasil, o mercado de algodão atravessa o período de entressafra, com a produção nacional já amplamente consolidada. De acordo com o 7º Levantamento da Safra de Grãos, divulgado em abril, o ciclo produtivo encontra-se em fase final, com a colheita praticamente encerrada nas principais regiões produtoras e pouca margem para revisões relevantes à frente. Nesse estágio, o foco do mercado se desloca do risco produtivo para a dinâmica de comercialização e escoamento, enquanto a oferta física passa a se apoiar nos estoques formados ao longo do ciclo. A previsibilidade quanto ao volume produzido reforça um ambiente de maior estabilidade do lado da oferta doméstica no curto prazo.

Na China, a dinâmica recente do mercado de algodão reflete um ambiente de maior autossuficiência da oferta doméstica, sustentado por uma safra elevada e pela forte concentração da produção na região de Xinjiang. A maior disponibilidade interna, associada a uma recuperação ainda parcial do consumo, tem reduzido a necessidade de importações e limitado a contribuição chinesa para o crescimento da demanda global. Ao mesmo tempo, a alta dos preços domésticos vem chamando a atenção das autoridades, elevando o risco de intervenções por meio de leilões de estoques governamentais, nos quais volumes mantidos pelo governo podem ser colocados à venda com o objetivo de aumentar a oferta interna e conter pressões de preços. Esse tipo de atuação tende a melhorar o abastecimento doméstico e a arrefecer o ritmo das compras externas. Soma-se a esse quadro a concorrência intensa das fibras sintéticas, que continua restringindo uma retomada mais consistente do consumo pela indústria têxtil chinesa. Esse conjunto de fatores reforça uma leitura de menor ímpeto importador por parte da China, com impactos diretos sobre o comércio internacional e potencial pressão sobre os embarques das principais origens exportadoras.

Nesse contexto, o entendimento firmado entre Estados Unidos e China no fim de 2025, com a redução de tarifas e a reabertura do acesso do algodão norte-americano ao mercado chinês, resultou em uma retomada pontual das compras de algodão dos EUA, ainda distante de uma recuperação estrutural da presença americana. Apesar da melhora do ambiente institucional, as importações chinesas permanecem orientadas sobretudo por fatores de preço, disponibilidade e logística, em um cenário marcado por maior produção doméstica e menor necessidade de recomposição de estoques.

Assim, ao longo de 2026, os Estados Unidos voltaram a aparecer nas estatísticas de vendas para a China, sem reassumir protagonismo, enquanto o Brasil manteve posição relevante como fornecedor, beneficiado por competitividade e volume disponível. O movimento observado após o acordo reflete, portanto, mais uma diversificação das origens e recomposição seletiva das compras do que uma substituição clara do algodão brasileiro pelo norte-americano.

Do ponto de vista climático, o trimestre tende a ser marcado pela predominância de condições de neutralidade, com elevação da probabilidade de transição para o fenômeno El Niño ao longo do período, especialmente a partir de junho e julho. No curto prazo, esse cenário ainda não implica impactos diretos sobre a oferta global já consolidada, sobretudo nos países do Hemisfério Sul. Entretanto, nos Estados Unidos, onde o plantio e o desenvolvimento inicial das lavouras de algodão ocorrem nesse intervalo, a perspectiva de El Niño adiciona um elemento de risco climático e volatilidade, ao aumentar a incerteza quanto ao regime de chuvas e às condições de estabelecimento da safra. No Brasil, por outro lado, os efeitos são limitados neste momento, uma vez que o país atravessa o período de entressafra, com a produção já definida. Assim, embora o fator climático ainda não represente um choque concreto sobre o balanço global, o avanço do El Niño permanece como vetor de atenção para a formação de expectativas e precificação ao longo do trimestre, especialmente via mercado norte-americano.

Outro fator que segue influenciando a dinâmica do mercado de algodão é a competitividade das fibras sintéticas, fortemente associada ao comportamento do petróleo em um contexto de tensões geopolíticas persistentes. Oscilações nos preços da energia podem elevar o custo do poliéster, principal substituto do algodão, contribuindo marginalmente para melhorar a atratividade da fibra natural. Ainda assim, esse efeito tende a ser limitado, diante de um cenário de oferta global elevada, estoques volumosos e demanda ainda seletiva.

Em síntese, o trimestre de maio a julho tende a se configurar como um período de mercado bem abastecido, sem sinais de aperto estrutural no balanço global de oferta e demanda. As cotações devem permanecer condicionadas sobretudo a fatores pontuais, como a evolução do clima nos Estados Unidos, a dinâmica das compras chinesas e eventuais movimentos nos custos das fibras sintéticas associados ao petróleo. Nesse ambiente, o algodão tende a apresentar volatilidade pontual, reagindo mais a ajustes de expectativa e a eventos exógenos do que a mudanças duradouras nos fundamentos.



FATORES BAIXISTAS

- Oferta global e estoques confortáveis;
- Demanda chinesa limitada (estoques elevados);
- Efeito substitutivo das fibras sintéticas.



PONTO DE ATENÇÃO

- Preço do petróleo.



FATORES ALTISTAS

- Riscos climáticos nos principais produtores.

Café



PRODUÇÃO

As estimativas do IBGE apontam aumento de 13,1% na produção de café em 2026, com destaque para o café arábica (+20,3%), enquanto o café canephora deve crescer de forma mais moderada (+0,8%).

Regionalmente, Minas Gerais, principal produtor de arábica, deve registrar forte expansão (+24,7%), em meio à bienalidade positiva. Já no Espírito Santo, líder na produção de canephora, houve revisão relevante — de expectativa de queda para leve alta (+1,6%) — associada à melhora das condições climáticas ao longo do ciclo.

Entretanto, a Conab delineia um cenário ainda mais favorável para a safra do café, projetando um crescimento de 17,1% em relação ao ciclo anterior, impulsionado pelo avanço de 23,3% do arábica e de 6,4% do conilon, uma variedade do canephora.

Espírito Santo, principal produtor do café conilon, apresenta perspectivas mais favoráveis, segundo a Companhia, em razão das boas precipitações registradas no norte do estado.

PREÇOS

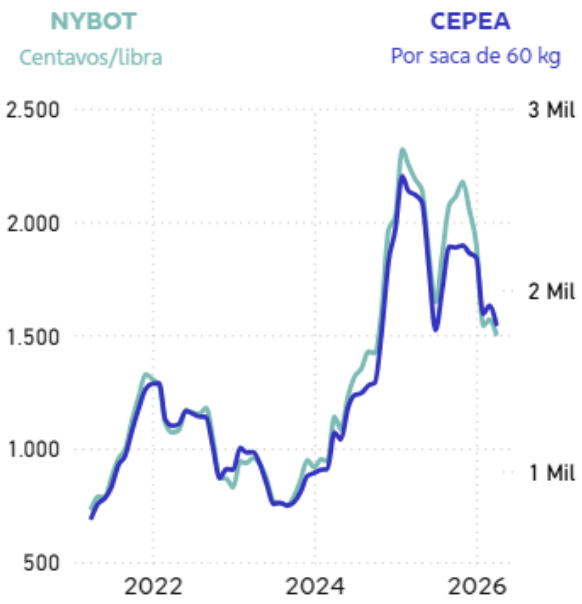
Os preços do café caíram em abril, pressionados pela expectativa de ampla oferta global em 2026/27 e pelo avanço da colheita brasileira. Ainda assim, o recuo foi limitado por estoques reduzidos e incertezas geopolíticas. No mês, o arábica caiu 5,3% e o robusta 10,3%, acumulando quedas expressivas em relação a abril de 2025, em termos reais.

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2025/24	Participação na produção nacional
MG	24,3%	50,8%
ES	4,0%	24,2%
SP	12,5%	12,4%
BA	-12,9%	5,8%
RO	14,8%	4,2%
PR	-4,5%	1,2%
RJ	-12,4%	0,6%
GO	9,9%	0,5%
MT	89,7%	0,3%
AC	5,1%	0,1%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do café (grão)
Média diária mensal - Arábica



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

No cenário internacional, as estimativas mais recentes do USDA, divulgadas em dezembro, indicaram aumento da produção mundial de café na safra 2025/26, acompanhada de leve recomposição dos estoques globais. Esse movimento refletiu nos ganhos de produtividade em países asiáticos e africanos, que compensaram parcialmente as perdas observadas no Brasil e na Colômbia. Desde então, o quadro internacional segue sem novas revisões oficiais, com o próximo relatório do USDA previsto apenas para julho, quando deverá ocorrer uma atualização mais abrangente do balanço global.

No Brasil, o 1º Levantamento da Safra de Café 2026, divulgado pela Conab em fevereiro, apresentou uma leitura inicial bastante positiva ao projetar produção recorde de 66,2 milhões de sacas, sustentada pela bienalidade positiva, pela ampliação da área em produção e por condições climáticas mais favoráveis ao longo do ciclo. Como é característico dessa fase inicial, o levantamento ainda está sujeito a ajustes. Nesse contexto, o 2º levantamento da Conab, previsto para 21 de maio, é um dos mais relevantes para o mercado, pois reduz de forma significativa a incerteza em torno da safra e incorpora de maneira mais precisa os impactos climáticos já observados, com reflexos diretos sobre as expectativas de oferta, exportações e formação de preços.

Em paralelo, o IBGE, com base no levantamento divulgado em abril de 2026, apresenta números mais conservadores, ainda que compatíveis com uma safra robusta e historicamente elevada. A produção total de café no país é estimada em 65,1 milhões de sacas, o que representa crescimento anual de 13,1%. Desse total, o café arábica deve alcançar 44,0 milhões de sacas, com alta de 20,3% em relação a 2025, enquanto o café canéfora está projetado em 21,1 milhões de sacas, com ajuste positivo em relação ao mês anterior. Segundo o instituto, os problemas climáticos observados até o momento foram pontuais, o que sustenta uma leitura ainda favorável para a safra 2026.

Do ponto de vista climático, embora o cenário base permaneça relativamente construtivo para a safra 2026, o trimestre passa a exigir maior atenção. A elevação da probabilidade de formação do fenômeno El Niño ao longo do período, especialmente a partir de junho e julho, adiciona um elemento relevante de incerteza, sobretudo pela proximidade do início da colheita do café arábica no Brasil. Mais do que impactos sobre o volume produzido, o mercado passa a monitorar com maior cautela possíveis efeitos sobre a qualidade dos grãos e o ritmo dos trabalhos de colheita, especialmente em caso de chuvas fora de época nas principais regiões produtoras do Sudeste. Ainda que o risco de eventos extremos, como geadas, seja considerado reduzido neste momento, ele não é inexistente e segue atuando como fator de assimetria para os preços. Dessa forma, o clima não altera, por ora, a leitura de oferta mais confortável, mas permanece como vetor de cautela e potencial gerador de volatilidade ao longo do trimestre.

Em síntese, o trimestre de maio a julho tende a ser marcado por um processo de acomodação dos preços, com comportamento condicionado principalmente à consolidação do tamanho efetivo da safra brasileira e ao ritmo de avanço da colheita. Caso as condições climáticas permaneçam dentro da normalidade, favorecendo o andamento dos trabalhos de campo e sem impactos relevantes sobre a qualidade dos grãos, o mercado tende a reforçar a leitura de oferta mais confortável, o que limita movimentos de alta e mantém pressão sobre as cotações, sobretudo nos vencimentos mais longos.

Em contrapartida, o aumento da probabilidade de formação do fenômeno El Niño entre maio e julho adiciona um elemento de assimetria ao comportamento dos preços ao longo do período. Eventuais chuvas fora de época, atrasos na colheita ou sinais de perda de qualidade no café arábica podem gerar episódios pontuais de sustentação ou maior volatilidade nas cotações. No segmento de robusta, o cenário segue mais pressionado no curto prazo, em função da oferta elevada e dos estoques remanescentes. Já no arábica, uma definição mais clara do potencial produtivo e da qualidade ao longo do trimestre será determinante para a trajetória dos preços.



FATORES BAIXISTAS

- Perspectivas de maior produção em 2026;
- Início da colheita no Brasil;
- Colheita na Indonésia.



PONTOS DE ATENÇÃO

- Brasil: 2º levantamento da Conab (21/05);
- Relatório USDA (22/07);
- Conflito no Oriente Médio;
- Clima (intensidade de *El Niño*).



FATORES ALTISTAS

- Estoques globais seguem baixos, apesar da recuperação recente;
- Incertezas climáticas.

Cana-de-açúcar



Cana-de-açúcar

PRODUÇÃO

Para a cultura da cana-de-açúcar, a projeção do IBGE para a safra de 2026 aponta para uma produção de 706,0 milhões de toneladas, avanço de 0,4% em relação à safra anterior. São Paulo, estado que responde por mais da metade da produção nacional, deve apresentar retração de 2,0% na produção.

Por outro lado, o quarto levantamento da Conab indica uma redução de 0,5% na produção nacional em relação à safra anterior, reflexo das condições climáticas menos favoráveis, marcada pela irregularidade das chuvas e por períodos de calor excessivo.

Na região Sudeste, maior produtora de cana-de-açúcar, a expectativa é de queda de 2,2%, devido às altas temperaturas, períodos de seca e incêndios que prejudicaram a rebrota e o desenvolvimento das lavouras.

PREÇO

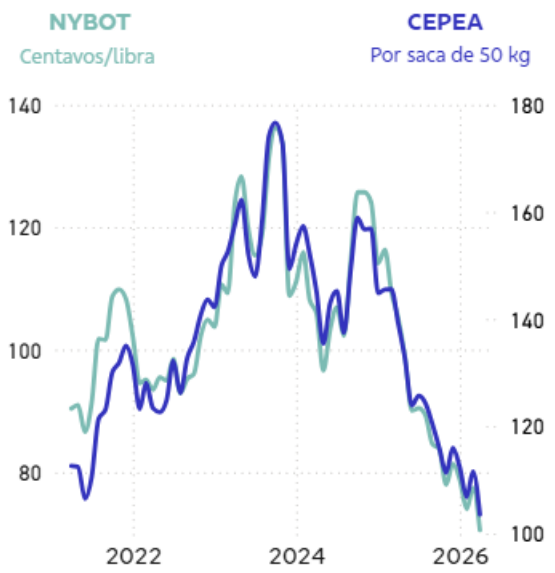
O mercado de açúcar apresentou baixa liquidez no fim de abril, com compradores cautelosos e à espera de novas quedas. No acumulado do mês, os preços recuaram de forma significativa, mas essa queda foi parcialmente contida pela resistência dos vendedores, que limitaram a oferta. Além disso, a disponibilidade restrita de açúcar de melhor qualidade ajudou a sustentar as cotações no curto prazo. No cenário externo, a alta do petróleo tende a incentivar as usinas a produzir mais etanol, o que pode reduzir a quantidade de açúcar disponível no mercado. Em abril, o Indicador CEPEA/ESALQ registrou R$ 103,54 por saca de 50 kg, recuando 7,2% na passagem mensal.

Variação e participação dos principais estados produtores

UF	Variação 2025/24	Participação na produção nacional
SP	-2,0%	53,6%
MG	5,6%	11,6%
GO	2,9%	10,7%
MS	-0,0%	7,6%
PR	9,8%	4,2%
PE	6,1%	2,6%
AL	-1,2%	2,4%
MT	6,5%	2,1%
PB	-2,2%	1,2%
BA	-11,9%	0,6%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do açúcar cristal
Média diária mensal - Santos



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

O mercado de açúcar entra no trimestre de maio a julho em um ambiente de fundamentos predominantemente confortáveis no curto prazo, ainda que com aumento gradual da incerteza climática ao longo do período. No Brasil, a safra do Centro Sul avança com oferta física de cana relativamente estável, embora persistam divergências entre as estimativas oficiais. O IBGE projeta leve crescimento da produção agrícola de cana de açúcar em 2026, sustentado por ganhos marginais de produtividade, enquanto a Conab adota uma leitura mais cautelosa, apontando queda da produção industrial em razão da redução no rendimento dos canaviais, impactados por irregularidade das chuvas e por temperaturas elevadas no ciclo anterior.

Apesar dessas diferenças, o consenso do setor indica que, no horizonte imediato, não há restrição relevante de matéria-prima que comprometa o abastecimento interno ou a oferta exportável de açúcar. A atenção do mercado permanece concentrada menos no volume agregado de cana e mais no comportamento do *mix* produtivo, em um contexto de maior atratividade do etanol, especialmente após medidas de estímulo aos biocombustíveis, que podem reforçar um viés mais alcooleiro na safra atual.

No campo dos preços, o mercado doméstico segue refletindo o quadro internacional de oferta excedente. Após as quedas observadas ao longo de 2025, os preços do açúcar cristal iniciam 2026 em patamar mais baixo, compatível com um cenário global ainda superavitário. No curto prazo, o trimestre tende a ser marcado por relativa estabilidade, com movimentos predominantemente técnicos, limitados pela ampla disponibilidade global e pela ausência, até o momento, de choques relevantes de oferta.

No mercado internacional, as projeções mais recentes do USDA apontam para mais um ano de produção global acima do consumo, configurando superávit pelo sexto ciclo consecutivo. Índia, Tailândia e Brasil seguem como os principais vetores de oferta, enquanto o crescimento da demanda mundial ocorre em ritmo inferior ao da produção. Esse balanço global confortável atua como um elemento de contenção para movimentos de altas mais consistentes das cotações no horizonte entre maio e julho.

Do ponto de vista climático, o trimestre se insere em uma fase de transição relevante. Informações do INMET e de modelos internacionais indicam predominância de condições de neutralidade do ENSO, com elevação da probabilidade de formação do *El Niño* entre junho e julho. Para o Centro Sul do Brasil, a tendência é de redução gradual das chuvas e de temperaturas acima da média sazonal, cenário que, no curto prazo, favorece as operações de colheita, moagem e transporte. Por outro lado, a diminuição progressiva da umidade do solo exige monitoramento atento da rebrota dos canaviais, especialmente em áreas mais sensíveis do Sudeste.

No horizonte imediato, os efeitos climáticos tendem a ser mais operacionais do que produtivos. O risco mais relevante para o trimestre não está associado a uma quebra significativa de safra, mas à possibilidade de impactos pontuais sobre a eficiência industrial, a qualidade da matéria prima e a logística, especialmente caso se consolidem episódios de calor mais intenso ou falhas na distribuição das chuvas.

Cana-de-açúcar

Em síntese, no trimestre, o mercado de açúcar combina fundamentos globais ainda baixistas com um ambiente climático de transição, no qual o risco começa a ganhar peso, sem alterar, por ora, o quadro de oferta confortável. Movimentos mais expressivos de preços permanecem condicionados a mudanças no *mix* produtivo brasileiro ou à confirmação de um *El Niño* mais estruturado no segundo semestre, fatores que, se materializados, podem reconfigurar de forma gradual o balanço global e a dinâmica de preços a partir da primavera.



FATORES BAIXISTAS

- Oferta mundial excedendo o consumo pelo sexto ciclo consecutivo;
- Pressão do *mix* mais alcooleiro no Brasil, reduzindo estímulos a altas sustentadas nos preços do açúcar.



PONTOS DE ATENÇÃO

- Clima no Brasil e na Ásia;
- Relatório bianual do USDA, *Sugar World Markets and Trade* (28/05).



FATORES ALTISTAS

- Risco climático crescente, com transição para El Niño elevando incertezas sobre oferta e qualidade da produção brasileira no segundo semestre;
- Possível redução da oferta exportável, caso o *mix* brasileiro siga direcionado ao etanol.

Trigo



PRODUÇÃO

De acordo com IBGE, a produção nacional de trigo para a safra 2025/26 está estimada em 7,4 milhões de toneladas, o que representa uma queda de 5,7% em relação à safra anterior. Esse desempenho negativo deve ser pressionado pela queda projetada nas produções do Rio Grande do Sul e do Paraná, cujas colheitas devem ser, respectivamente, 4,7% e 9,7% inferiores às registradas na safra anterior.

Já a Conab, por sua vez, projeta um cenário de retração ainda mais intensa, com produção de 6,6 milhões de toneladas em 2026, indicando uma redução de 16,0% frente à safra passada. Essa queda está associada principalmente à redução da área no Rio Grande do Sul, devido ao agravamento da estiagem e às perdas na safra de verão, especialmente na soja. A queda também reflete maior risco climático, baixa expectativa de rentabilidade e custos elevados de insumos, fatores que desestimularam o plantio.

No mercado internacional, a elevada oferta e os estoques abundantes seguem predominando. Ainda assim, riscos climáticos nos EUA e no Mar Negro, além de tensões geopolíticas que afetam petróleo e fertilizantes, podem sustentar os preços ao limitar investimentos e a oferta futura.

Produção brasileira para 2026

	LSPA	Conab
Produção (toneladas)	7,4 Mi	6,6 Mi
Variação 2026/25	-5,7%	-16,0%

Fonte: IBGE e Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Variação e participação dos principais estados produtores

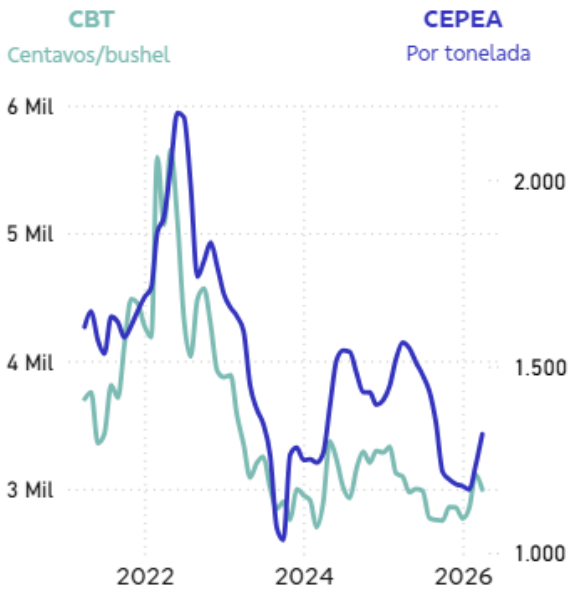
UF	Variação 2025/24	Participação na produção nacional
RS	-4,7%	44,6%
PR	-9,7%	34,4%
SP	16,8%	6,7%
SC	-9,3%	5,7%
MG	-7,9%	5,5%
GO	-10,0%	1,9%
MS	-11,4%	0,6%
BA	0,6%	0,4%
DF	71,1%	0,3%
MT	-100,0%	0,0%

Fonte: IBGE/**Elaboração:** Banco do Brasil

PREÇOS

Segundo o Cepea/Esalq, os preços do trigo avançaram em abril, com alta de 6,9% na comparação mensal, conforme o indicador CEPEA/ESALQ do Rio Grande do Sul. Esse movimento foi sustentado pela oferta restrita e pela baixa liquidez típica do período de entressafra, com vendedores mais retraídos e ritmo de negócios limitado, o que levou compradores com necessidade imediata a aceitar preços mais elevados. No segmento de farelo, por sua vez, as cotações recuaram, pressionadas pela demanda enfraquecida e maior disponibilidade, enquanto o mercado de farinhas apresentou comportamento mais estável, em linha com uma demanda relativamente equilibrada.

Preços do Trigo
Média diária mensal - Paraná



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

Bovinocultura



Bovinocultura

PRODUÇÃO

No segmento pecuário, os dados do IBGE referentes ao quarto trimestre de 2025 apontam um crescimento de 14,0% no número de abates de bovinos em comparação com o mesmo período do ano anterior, totalizando 11,04 milhões de cabeças abatidas.

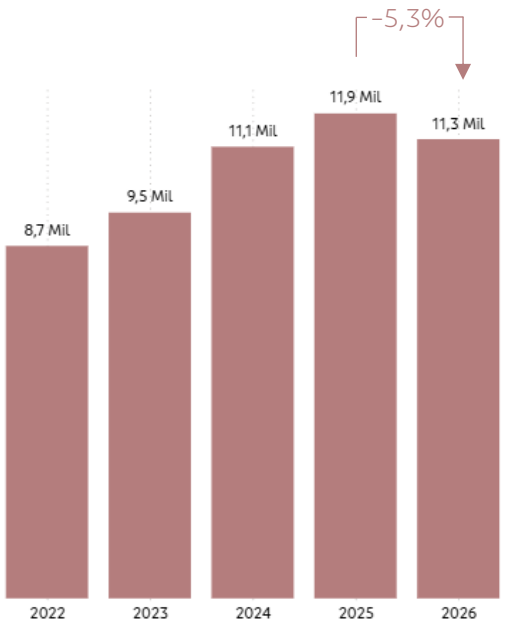
Para 2026, as estimativas da Conab apontam para uma redução de 5,3% na oferta nacional de carne bovina. Esse movimento reflete a fase de virada do ciclo pecuário, marcada pelo aumento da retenção de matrizes, o que limita o abate de fêmeas. Ainda assim, a expectativa é de expansão do rebanho bovino brasileiro, que deve alcançar 226,2 milhões de cabeças.

A expectativa de queda na disponibilidade de carne bovina per capita foi ajustada para um recuo menor, de 6,6%, enquanto as exportações, antes projetadas em alta de 1,1%, passaram a indicar uma redução de 3,9%. Nesse sentido, a redução da produção interna é compensada pelo recuo nas exportações, permitindo um melhora na oferta per capita.

PREÇO

A pecuária brasileira iniciou 2026 em um cenário de fortalecimento, sustentado pela oferta restrita de animais e pela demanda externa aquecida. No primeiro trimestre, as exportações recordes de carne bovina impulsionaram a valorização do boi gordo, movimento que se manteve em abril, quando a arroba atingiu patamares historicamente elevados. Apesar de ajustes pontuais na segunda quinzena, o mercado permaneceu firme, com forte alta no início do mês e posterior acomodação, sem perda relevante de nível. Segundo o Cepea, o comportamento dos preços reflete um mercado ajustado pela escassez de oferta, ainda que marcado por maior cautela da indústria nas compras finais.

Produção de carne bovina
(1.000 ton equiv. carcaça)



Fonte: Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do boi gordo
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

PERSPECTIVA PARA O TRIMESTRE

No cenário internacional, as estimativas mais recentes do USDA, divulgadas em abril, indicam que a produção global de carne bovina deverá apresentar retração de aproximadamente 1,1% em 2026, totalizando cerca de 61,56 milhões de toneladas em equivalente carcaça, após o recorde observado em 2025. O ajuste negativo reflete, sobretudo, a expectativa de menor oferta nos principais países produtores, com destaque para Brasil e Estados Unidos, ambos projetados para operar abaixo dos níveis do ano anterior, em função da restrição dos rebanhos e de um ciclo pecuário desfavorável. Reduções relevantes também são esperadas na China, na União Europeia, na Austrália e na Argentina, reforçando o movimento de contração da produção global já sinalizado em levantamentos anteriores do USDA.

No Brasil, dados da Secretaria de Comércio Exterior indicam que as exportações de carne bovina apresentaram forte desempenho no primeiro trimestre de 2026, confirmando a continuidade do ciclo positivo observado em 2025. No período, os embarques totalizaram 801,9 mil toneladas, com receita de 4,33 bilhões de dólares, o que representa crescimento de 18,4% em volume e de 34,3% em valor em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A expansão foi sustentada pela valorização do preço médio de exportação e pela demanda internacional aquecida. A China manteve-se como o principal destino, respondendo por mais de 40% das vendas externas, sobretudo de carne bovina *in natura*. Além do mercado chinês, Estados Unidos, Chile, União Europeia, México e Rússia registraram avanços relevantes da demanda no trimestre, reforçando a diversificação dos destinos e a elevada competitividade da carne bovina brasileira no mercado internacional.

Nesse contexto, a China segue como o principal vetor de escoamento e de sustentação de preços da carne bovina brasileira, mas o padrão de compras em 2026 passou a ser marcado por maior concentração temporal dos embarques. Desde o início do ano, observa-se um movimento de antecipação das compras por parte dos importadores chineses, que buscaram acelerar volumes enquanto a janela comercial permanece aberta, impulsionando o ritmo dos embarques no primeiro trimestre e no início do segundo. Esse comportamento tem sustentado a tração das exportações e intensificado a competição da indústria exportadora por matéria-prima no mercado interno. A leitura predominante entre os agentes é que, mantida a velocidade atual de compras, o volume destinado à China tende a se aproximar do limite anual entre o fim do segundo e o início do terceiro trimestre, possivelmente entre junho e julho. Esse desenho reforça a percepção de um ano marcado por janelas bem definidas de demanda externa, com forte suporte aos preços nos momentos de maior atuação chinesa e risco de arrefecimento do fluxo mais adiante, o que exige ajuste do *mix* de destinos e maior disciplina comercial ao longo do segundo semestre.

No mercado interno, a oferta de boi gordo em 2026 reflete um cenário de transição do ciclo pecuário, no qual sinais de recomposição do rebanho convivem com pressões sazonais de curto prazo. A menor disposição para o descarte de fêmeas, associada à firmeza dos preços da reposição, indica uma postura mais conservadora do pecuarista após os anos de liquidação, o que tende a limitar a expansão estrutural da oferta ao longo do ciclo. Ainda assim, no curto prazo, a entrada de animais de safra e a perda gradual de qualidade das pastagens no Centro Norte elevam temporariamente a disponibilidade de gado terminado, reduzindo a capacidade de retenção e limitando a sustentação da arroba.

Esse arranjo resulta em um mercado que, apesar de estruturalmente mais ajustado no médio prazo, enfrenta maior oferta efetiva no primeiro semestre, tornando a formação de preços mais dependente do ritmo das exportações.

Em síntese, no trimestre de maio a julho, embora o quadro de oferta global mais ajustado ainda ofereça sustentação estrutural aos preços, a dinâmica do mercado tende a se tornar mais complexa. A expectativa de que as compras chinesas avancem rapidamente sobre o limite da cota deve levar a um arrefecimento gradual do ritmo de embarques ao longo do período, alterando o principal vetor de sustentação observado no primeiro trimestre. Nesse contexto, a manutenção da competitividade brasileira seguirá apoiada na diversificação de destinos e no fortalecimento das vendas para mercados já consolidados, ainda que em um ambiente de maior seletividade por parte dos importadores. Ao mesmo tempo, o possível enfraquecimento da tração chinesa tende a recolocar o mercado interno como elemento central de equilíbrio, justamente em um momento de maior oferta sazonal de gado, o que pode limitar a sustentação da arroba. Entre os mercados alternativos, os Estados Unidos permanecem como ponto de atenção, uma vez que a continuidade do bom desempenho das exportações dependerá da restrição da oferta doméstica norte americana e da competitividade relativa da carne bovina brasileira frente a outros fornecedores. Assim, o próximo trimestre deve ser marcado por maior sensibilidade dos preços ao ajuste entre exportações e absorção interna.



FATORES BAIXISTAS

- Efeito substituição por outras proteínas;
- Entrada do período seco aumenta a oferta de animais terminados a pasto.



PONTOS DE ATENÇÃO

- Exportações para os EUA;
- Conflito no Oriente Médio;
- Impacto das medidas de salvaguarda chinesa;
- Crise da suinocultura chinesa;
- Questões sanitárias.



FATORES ALTISTAS

- Produção mundial e rebanhos reduzidos;
- Exportações brasileiras elevadas;
- Virada do ciclo pecuário no Brasil, com retenção de fêmeas e reposição mais cara.

Avicultura



Avicultura

PRODUÇÃO

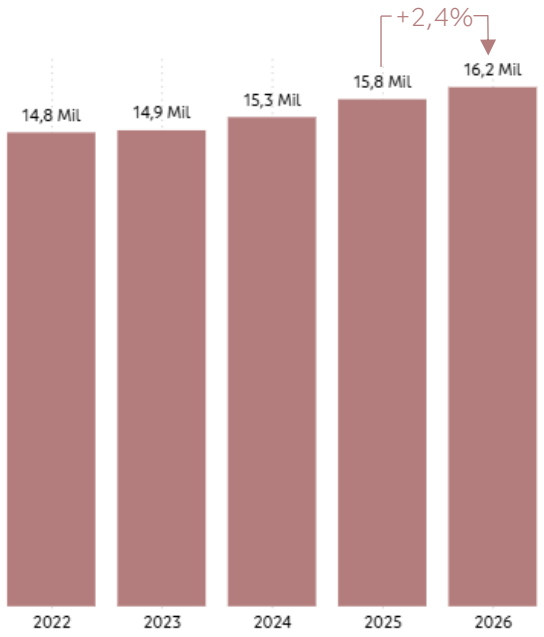
Segundo o IBGE, o abate de frangos no quarto trimestre de 2025 cresceu 5,7% em relação ao mesmo período do ano anterior e 1,5% frente ao trimestre imediatamente anterior.

Para o ano de 2026, a Conab projeta uma produção total de carne de frango da ordem de 16,2 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 2,4% frente ao volume produzido em 2025. Tal resultado pode configurar um novo recorde histórico da série.

A expectativa é de que o alojamento de pintos de corte alcance 7,3 bilhões de cabeças, o que representa um crescimento de 1,1% em relação ao ano anterior e reforça a continuidade de expansão da atividade avícola.

Para 2026, projeta-se que as exportações de carne de frango avancem 3,6%, enquanto a disponibilidade per capita no mercado interno deve registrar aumento de 1,4%.

Produção de carne de aves
(1.000 ton equiv. carcaça)



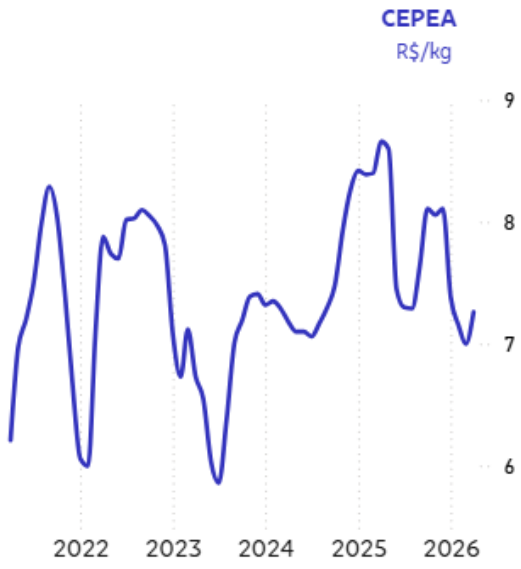
Fonte: Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

PREÇO

Após um período de queda ao longo do primeiro trimestre, os preços do frango congelado no Brasil apresentaram recuperação em abril. Segundo o Cepea/Esalq, houve alta de 3,71% em relação a março, com a cotação média encerrando o mês em R$ 7,26/kg.

No acumulado do ano, os preços recuaram aproximadamente 15% frente ao fim de 2025, pressionados pela oferta elevada e pelo consumo interno moderado. Apesar do bom desempenho das exportações, a ampla disponibilidade de produto e a cautela do varejo nas reposições de estoque impediram uma reação mais firme dos preços no mercado interno, resultando em um cenário de estabilidade para curto prazo.

Preços do frango congelado
Média diária mensal



Fonte: Cepea-Esalq/**Elaboração:** Banco do Brasil

Suinocultura



Suinocultura

PRODUÇÃO

Na suinocultura, dados do IBGE mostram que, no quarto trimestre de 2025, o abate de suínos somou 15,3 milhões de cabeças, alta de 5,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em comparação ao trimestre imediatamente anterior, houve queda de 3,5%.

Para 2026, a Conab projeta um aumento de 1,4% no efetivo do rebanho suíno e uma elevação de 4,1% na produção de carne suína frente a 2025, totalizando 5,9 milhões de toneladas. Caso essa estimativa se confirme, será a maior produção da série histórica.

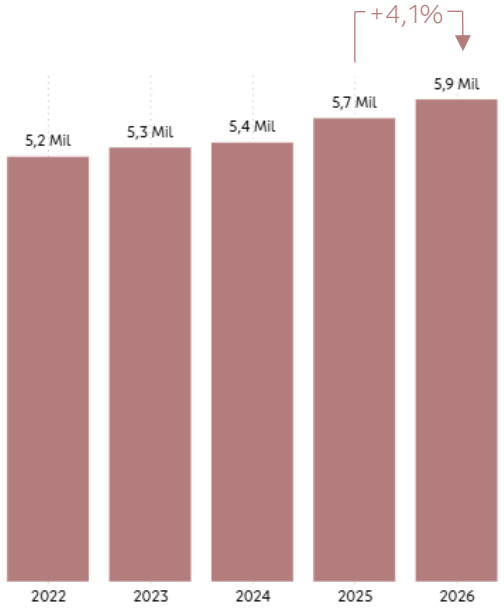
No comércio exterior, a Conab prevê expansão de 6,1% nas exportações de carne suína, indicando aquecimento da demanda internacional e maior inserção do produto brasileiro nos mercados globais. Na demanda doméstica, a disponibilidade per capita no mercado interno deve crescer 3,0%.

PREÇO

Segundo o Cepea, os preços do suíno vivo seguem pressionados em 2026, com desvalorização acumulada superior a 30% no ano, a mais intensa da série histórica do indicador. Em abril, as cotações encerraram o mês em média a R$ 5,89/kg nas principais praças do país.

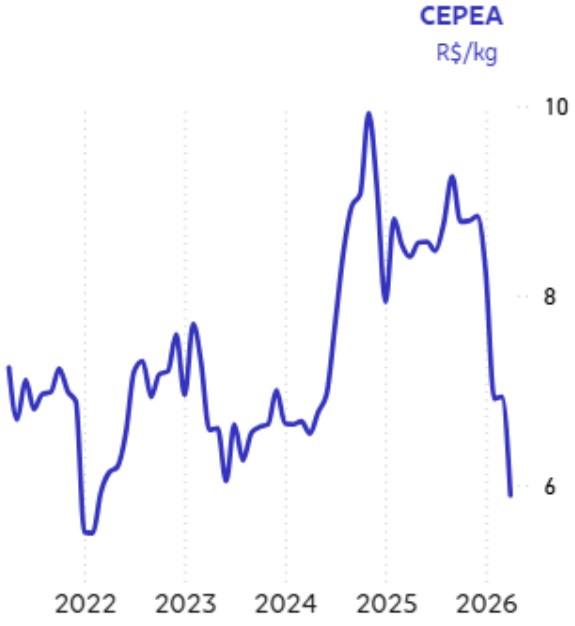
A queda reflete a combinação de oferta elevada e consumo doméstico enfraquecido, apesar da firme demanda externa pela carne suína. Para o curto prazo, agentes de mercado apontam possibilidade de estabilização dos preços em maio, sustentada por fatores sazonais, como o pagamento de salários, o Dia das Mães e o fim do período de feriados, embora a recuperação dependa da reação da demanda interna.

Produção de carne suína
(1.000 ton equiv. carcaça)



Fonte: Conab/**Elaboração:** Banco do Brasil

Preços do suíno vivo
Média diária mensal – São Paulo



Fonte: Cepea-Esalq **Elaboração:** Banco do Brasil

Resumo Cenário Econômico

BB Assessoramento Econômico

#pública

Atualização: 11/05/2026

Atividade Econômica	Cenário Base 2025	2026	2027	Média 2028-30
PIB - R$ tri	**12,7**	13,5	14,3	15,6
PIB - US$ tri	**2,3**	2,7	2,8	2,9
PIB per capita (em milhares US$)	**10,4**	12,3	12,9	13,5
PIB - Variação Real (%a.a.)	**2,3**	2,0	1,2	2,0
Consumo das Famílias	**1,3**	2,1	1,2	2,0
Consumo do Governo	**2,1**	1,5	0,8	1,8
Formação Bruta de Capital Fixo	**2,9**	1,8	1,3	1,7
Exportações	**6,2**	4,1	4,1	4,1
Importações (-)	**4,5**	2,5	7,5	7,5
Indústria	**1,4**	1,8	1,2	2,0
Serviços	**1,8**	2,0	1,3	2,0
Agropecuária	**11,7**	1,0	-0,5	3,0
Taxa de Desemprego média (% PEA)	**5,9**	6,0	6,7	7,1
Massa de Salário Real - variação %	**6,1**	3,9	3,6	3,5
Salário real	**5,3**	3,5	3,1	2,6
Preços, Juros e Câmbio				
IPCA - Taxa % ano	**4,3**	5,0	4,0	4,0
IGP-DI - Taxa % ano	**-1,2**	5,5	4,0	4,2
SELIC - % a.a. - final de período	**15,00**	13,50	12,00	9,7
SELIC - % acumulado no ano	**14,33**	14,0	13,1	9,8
Juros Reais ex-post - % (IPCA)	**9,7**	8,6	8,8	5,5
Câmbio R$/US$ - final de período	**5,50**	5,00	5,10	5,4
Câmbio - Variação % nominal	**-11,1**	-9,1	2,0	2,9
Taxa Média de Câmbio R$/US$	**5,6**	5,0	5,1	5,3
Câmbio Médio - variação %	**1,7**	-10,2	1,5	2,6
Contas Públicas e Externas				
Resultado Primário - % do PIB	**-0,4**	-0,3	-0,2	0,5
Resultado Nominal - % do PIB	**-8,3**	-8,7	-8,2	-6,4
Dívida Bruta / PIB - %	**78,7**	83,2	87,3	90,8
Balança Comercial - US$ bi	**68,1**	80,2	73,1	75,3
Exportações - US$ bi	**346,3**	364,4	354,5	378,2
Importações - US$ bi	**-280,2**	-284,2	-281,4	-302,9
Corrente de Comércio - % do PIB	**27,4**	24,0	22,6	23,2
Transações Correntes - % do PIB	**-2,9**	-2,3	-1,8	-2,4
Transações Correntes - US$ bi	**-66,7**	-61,4	-51,3	-69,8
Crédito				
Crédito Total (% PIB)	**56,0**	57,3	58,5	62,1
Crédito Total (% a.a)	**10,3**	8,6	7,9	9,2
Crédito Total PF (% a.a)	**11,7**	9,3	8,4	9,6
Crédito Total PJ (% a.a)	**8,2**	7,5	7,0	8,6
Crédito Livre Total (% a.a)	**8,7**	7,5	7,0	9,6
Crédito Livre PF (% a.a)	**13,5**	9,5	8,0	10,0
Crédito Livre PJ (% a.a)	**2,3**	4,5	5,5	8,9
Crédito Direcionado Total (% a.a)	**12,6**	10,1	9,0	8,6
Crédito Direcionado PF (% a.a)	**9,6**	9,0	9,0	9,0
Crédito Direcionado PJ (% a.a)	**18,6**	12,0	9,0	8,0
Comprometimento de renda das famílias com serviços da dívida (%)	**29,2**	30,8	31,7	31,7
Juros Externos				
Fed Funds (% a.a)	**3,75**	3,50	3,50	3,50

Queremos ouvir você

Sua opinião é essencial para aprimorarmos nossas análises!

Participe e ajude a construir análises cada vez mais relevantes.

Após sua leitura, aponte o seu celular para o QR Code abaixo ou clique no link para compartilhar suas impressões e sugestões.

Boletim Agro: Pesquisa de Satisfação – Preencher o formulário

Disclaimer

Esta publicação contém análises/avaliações que refletem as visões de profissionais da área de Tesouraria Global/Assessoramento Econômico e da Diretoria de Agronegócios do Banco do Brasil S. A. ("BB").

As análises/avaliações aqui publicadas:

i. eventualmente, podem não expressar o posicionamento do Conglomerado BB sobre os temas aqui tratados;

ii. é possível que divirjam substancialmente das visões de outras áreas correlatas do BB, mesmo que faça referências a recomendações publicadas por essas respectivas Áreas;

iii. podem ou não ser seguidas pela gestão da Carteira Proprietária do BB.

As informações, opiniões, análises e avaliações contidas nesta publicação:

i. contém dados e projeções informativos que são dependentes das hipóteses adotadas. Nessa medida, não devem ser tomados como base, balizamento, guia ou norma para quaisquer documentos, avaliações, julgamentos ou tomadas de decisões, sejam de natureza formal ou informal;

ii. foram fornecidas apenas como comentários gerais de mercado e não constituem quaisquer formas de aconselhamento pessoal, jurídico, tributário ou outro serviço financeiro regulamentado;

iii. não contém toda a informação desejável, ou seja, fornecem apenas visões limitadas da economia e do setor agropecuário, de forma geral "Macro", não avaliando valores mobiliários específicos e emissores determinados;

iv. não são uma pesquisa ou recomendação de investimento para fins regulatórios e não constitui uma análise substantiva;

v. não são uma recomendação personalizada ou uma consultoria de investimento.

Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises são assumidas exclusivamente por quem as utiliza, eximindo o BB de todas as ações decorrentes do uso deste material.

Ressalte-se que o BB não se responsabiliza por atualizar qualquer estimativa contida nesta publicação.

O BB recomenda aos leitores da publicação que:

i. antes de entrar em qualquer transação, certifiquem-se de que entende os potenciais riscos e retornos e verifique a compatibilidade com seus objetivos e experiência, recursos operacionais e financeiros e outras circunstâncias relevantes;

ii. procurem consultores para verificar limitações tributárias, legais e contábeis, sempre que necessário.

Por fim, o BB esclarece que o acesso a esta publicação implica na total aceitação deste termo de responsabilidade e uso, não sendo permitido a reprodução, retransmissão e distribuição do todo ou de qualquer parte deste material sem a sua prévia e expressa autorização.

Consultas, sugestões, reclamações, críticas, elogios e denúncias:

SAC 0800 729 0722

Atendimento a Deficientes Auditivos ou de Fala 0800 729 0088

Ouvidoria 0800 729 5678